

## Poemas de Graça Graúna

### Identidade

Agora e pela hora  
da minha agonia  
louvo Trindade  
e Jorge de Lima  
cantando  
catando  
as penas  
só

\_ De onde vem, Solano, esta agonia?  
\_ De muito longe, nêga,  
de Afroamérica sonhada  
lá donde crece la palma  
plantada em versos de alma  
del hombre José Martí

\_ De onde vem, Solano, esta agonia?  
\_ Vem de longe, nêga,  
do comecinho das coisas  
de muito longe, minha nega,  
muito longe

### Cumplicidade

© Graça Graúna - voz de Anna Müller

Negro que te quero negro  
na capoeira ou na morna  
no Bairro de São José  
em Cabo Verde ou Bahia  
em Cuba Libre ou Angola

As contas do teu colar  
têm as cores dos meus guias  
do horizonte  
do olhar  
da esperança  
da tribo

Negro que te quero negro  
Orík, Orixá, Nagô  
Louvada seja a poesia

## Sempre-viva

Lá,  
no esconderijo  
vivia uma certa menina  
meiga  
doce  
Sempre-viva-Coralina

Na casa velha da ponte  
igual à cabocla velha  
à margem do Rio Vermelho  
a menina de trança  
meiga e mansa  
igual à Nega Fulô  
carente de alforria

Meiga, mansa  
Cora Coralina  
carregou dentro de si  
amarga e doce poesia  
tecida no esconderijo  
de todas as vidas  
nos becos  
Sempre-viva

GRAÇA GRAÚNA

## COLHEITA

Num pedaço de terra  
encabulada, mambembe  
o caminho de volta  
a colheita, o ritmo  
o rio, a semente  
Planta-se o inhame  
e nove meses esperar  
o parto da terra.  
Planta-se o caldo  
e docemente esperar  
a cana da terra  
Palavra: eis minha safra  
de mão em mão  
de boca em boca  
um porção Campestre

Potiguar de ser.

## **NEM MAIS NEM MENOS**

Um homem, uma mulher  
são o que são:  
palimpsestos  
pássaros  
deuses  
mágicos  
videntes  
astro/estrela  
de Altamira a Lascoux  
Asteca/Pankararu  
Fulni-ô/Xavante  
Potiguar, quem sabe?  
Íntimos irmãos da terra  
salvaguardam o limo das pedras  
o vôo dos peixes  
e os sagrados rios navegáveis

## **RETRATOS**

Saúdo as minhas irmãs  
de suor papel e tinta  
fiandeiras  
guardiãs,  
ao tecer o embalo  
da rede rubra ou lilás  
no mar da palavra  
escrita voraz.

Saúdo as minhas irmãs  
de suor papel e tinta  
fiandeiras  
tecelãs  
retratos do que sonhamos  
retratos do que plantamos  
no tempo em que nossa  
voz era só silêncio.

## **OFERTÓRIO**

Comei e bebei!  
estas palavras são meu corpo  
nem alegre, nem triste  
só um corpo

Comei e bebei!  
Nestas palavras minh'alma  
talvez a mais próxima  
de um revoar de sonhos

Mas se este ofertório  
te parece pouco,  
ide ao verso-reverso  
onde o nosso sudário  
continua exposto

## **GEOGRAFIA DO POEMA**

O dia deu em chuvoso  
na geografia do poema.  
A tristeza dos tempos,  
a impossibilidade do abraço,  
a fome e a miséria: matéria prima  
de nossa sobrevivência.

Nos quarteirões, dobrando  
a esquina  
homens e mulheres idôneos,  
cansados  
lastimam o destino  
de esmolar o direito  
nos tempos madrugados.

O dia deu em chuvoso  
na geografia do poema:  
um corpo virou cinzas,  
um sonho foi desfeito.  
A terra está sentida  
de tanto sofrimento.

## **ABISMOS**

toda lua é engano  
todo anjo é cruel

no abismo de eternidade  
e ânsia  
do corpoema

## **QUIMERAS**

A cruz do poeta  
doura trêmulas quimeras:  
sempre-vivas sobre a mesa.



[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)